O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis— Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 45 | **TERÇA-FEIRA 3 DE DEZEMBRO DE 1861** | **PRIMEIRO ANNO**

AVEIRO

A saude publica não tem desgraçadamente entre nós merecido verdadeira e sincera attenção do governo,a quem assumptos menos momentosos, sem duvida, tem attrahido de preferencia, não obstante terem as condições da salubridade peiorado palpavelmente. Este descuido tinha chegado a todos; e foi preciso, que um acontecimento, natural sim, mas prematuro e inexperado, nos viesse despertar.

Neste acordar sobresaltado vemos fazer exigencias desarrasoadas e propostas menos pensadas.

E' preciso, que na proxima legislatura se dê a merecida attenção á saude publica; é preciso, urgente mesmo, crear medidas tendentes a este fim; precisam ellas porém d'estudos previos e meditação profunda;precisam modificar-se em relação ás condições topographicas dos differentes districtos, ou melhor de cada concelho; precisam emfim uma execução imparcial e intelligente.

Para que se satisfaça a todas as exigencias, que apontamos, ha só um unico meio,—crear um pessoal technico.

E' preciso, que em cada concelho seja creado um delegado de saude encarregado de estudar circumstanciada e escrupulosamente todas as causas de insalubridade, propondo ao mesmo tempo os meios de as remediar ou diminuir; bem como as medidas legislativas e meios pecuniarios para isso precisos.

Sem isto podeis legislar muito, e gastar uma bôa parte dos fundos publicos; mas podeis crer, que pouco obtereis.

Actualmente ha um delegado de saude em cada districto, e um subdelegado em cada concelho, sendo este o administrador do concelho, que ignora completamente, não só as exigencias da salubridade, mas até a bôa execução das medidas sanitarias. Com taes empregados nunca se poderá obter nada, quando, de mais, elles estão completamente á mercê dos eleitores. Isto que o raciocinio indica, confirma-o a pratica e provam-no as licenças para os arrosaes.

Qualquer legislação, modelada sómente pelas necessidades de Lisboa, produz, com applicação geral, anomalias e inconveniencias de grande força; — taes são as modificações produzidas pelos climas e modo de vida dos povos.

Os arrozaes, em terrenos não pantanosos e sem o systema de irrigações periodicas, influem desfavoravelmente nas condições hygienicas da localidade; porém em terrenos que já antes eram focos de desinvolução miasmatica, pelo contrario diminuem as más condições, fazendo do pessimo soffrivel: suponhamos, que o governo, em virtude d'esta guerra injusta da imprensa, commettia o crime de prohibir os arrozaes, favoreceria Lisboa e alguma outra localidade, porém prejudicaria sensivelmente muitas, e entre estas Aveiro.

Ha aqui tantas causas de insalubridade, tantos focos de infecção miasmatica, que facilmente se podem remover, que parece irrisorio propôr-se a prohibição dos arrozaes, offensivos só por falta de policia, e productores em extremo.

Nas povoações agricolas cada casa é um laboratorio de miasmas devidos ás más praticas. Amontoam os excrementos dos animaes junto á casa, e na epoca de maior calor, tendo lugar a fermentação putrida com desenvolvimento de gazes extremamente fetidos; e não aproveitam as urinas dos gados, que, correndo pela terra de mistura com excrementos, vem para os pateos ou para a rua evaporar-se aos raios do sol.

Os povos de perto da ria apanham os vegetaes aquaticos (moliços), que, molhados de agua salgada e envoltos em lôdo, servem como adubos das terras, e um mez antes da sementeira espalham isto sobre a terra aos ardentes raios solares de agosto.

Junto ao rio Vouga ha innumeros lagos, onde no verão a agua estágna até á sua completa evaporação; cada caminho do campo, em que se conserva agua durante o calôr, é um pantano dos mais pestilentos, porque nelle caêm vegetaes e excrementos dos animaes ao transitar.

Os alimentos não merecem menores cuidados. A falta de vinho tem produsido, na gente menos abastada, um abuso de fructas tanto na quantidade como na qualidade; e investigada a causa, occasional pelo menos, das intermittentes, quasi sempre se reconhece ser um abuso desta ordem.

Estas causas, que apontamos, e outras muitas que ha por aqui, merecem um estudo meditado, e um remedio prompto; e, repetimos, só se pode conseguir com um pessoal technico nomeado *ad hoc*. Porem estas cousas parecem pequenas, para que d'ellas se occupe a imprensa e o governo, em quanto que os arrozaes, porque produzem centenas de contos, chamam a attenção geral — faz-se com elles grande barulho, e a maior parte das vezes sem uma consciencia pura.

Diz-se que vae ser demittido d'administrador do concelho de Ilhavo o sr. Pedro Couceiro da Costa, e que já se escolhêra quem ha de substituil-o.

Parece que o sr. Basilio não lhe levára a bem o ter elle cumprido o seu dever, não se associando ás gentilezas eleitoraes praticadas pelos protegidos de s. ex.ª naquelle concelho, e que extranhára o haver elle ousado censural-as.

Não temos difficuldade em accreditar que assim seja. O sr. Basilio retira a sua confiança a todo o empregado que tem a independencia necessaria para attender á sua consciencia mais que aos caprichos de s. ex.ª

Ainda ha pouco o sr. Basilio recommendou ao governo o sr. Couceiro, hoje quer demittil-o! Estamos seguros de que o sr. Couceiro ha de estimar em mais o castigo que hoje querem dar-lhe, do que o premio que quizeram arranjar-lhe.

A posição do sr. Basilio é embaraçada, mas é certo que ha de decidir-se pelo peior.

Por differentes vezes e em mais d'um jornal tem sido accusada a camara municipal de Ovar de gerir irregularmente os rendimentos municipaes.

Estas accusações chegaram ao conselho de districto, e em sessão d'este tribunal de 25 de junho ultimo *declarou o exm.º governador civil, presidente, que se encarregava de pelos meios á sua disposição, que mais acertados lhe parecessem, proceder ás averiguações necessarias para verificar se existem algumas outras irregularidades, ou abusos na administração municipal d'este concelho, a fim de no caso affirmativo se proceder como for de justiça.*

Não consta que o sr. Basilio procedesse a averiguações algumas. Faltou ao seu dever e á sua promessa, ou porque ainda lhe não indicaram quaes os *meios mais acertados*, ou porque convem que as cousas continuem no mesmo estado.

A camara foi reeleita, hão de continuar as mesmas irregularidades, mas isso pouco importa. O sr. Basilio não é pessoa que se occupe de taes ninharias, a sua missão é mais elevada. Fazer alguma eleição, servir os seus amigos e obedecer aos seus tutores. Pobre districto!

ESTRADA DE AVEIRO A VIZEU

Ainda o sr. Santos Tavares

Regra geral. Nunca provocamos ninguem: fazemos sempre por tractar a todos com benignidade e delicadeza, porque está isso na nossa indole e nos nossos principios, e porque não queremos perder o direito de ser tractados da mesma forma. Se, por uma aberração de caracter, a provocação partisse alguma vez do nosso lado, seriamos os primeiros a reconhecer a nossa falta, e dar plena satisfação ao offendido. Não nos peza porem na consciencia nenhum desses desvios. A regra que nos imposemos temol-a cumprido.

Mas por isso mesmo que procedemos assim para com os outros, é que não consentimos, nem consentiremos nunca, que ninguem nos provoque impunemente com grosserias e insinuações velhacas, e acudiremos sempre a castigar em termos proprios os descomedimentos parvos de quem nos tentar a prudencia e a dignidade.

Sirva isto de licção ao sr. Santos Tavares, que, julgando que tractava com os Botecudos da sua tribu, quiz fazer-se lépido comnosco, e como lhe applicamos o correctivo, veio então queixar-se da civilisação, e dizer que se as suas opiniões não prestavam, que não fizessem caso dellas.

Faziamos tenção de nos não importar mais com elle, e de o votar a um completo desprezo, porque o homem que escreve uma insinuação injuriosa, e provocado muito cathegoricamente a explical-a, responde que não quer, subjeita-se a acceitar os epithetos vis, que lhe competem, e exauctora o seu caracter de modo que as suas palavras só têm a imputação d'um insensato.

E na verdade só um insensato pode ter o arrojo de escrever o que o sr. Santos Tavares escreveu nos seus dois ultimos artigos sobre a estrada de Aveiro a Vizeu. Aos absurdos do primeiro, que lhe responda, se quizer,quem lhe deu a importancia de o refutar nisso que elle chama *calculos* da população no districto de Aveiro. Não temos nada com isso. O nosso fim é, e tem sido só, sustentar perante quem quer que seja a verdade inteira da doutrina e asserssões do nosso primeiro artigo, que fez perder a cabeça ao sr. Santos Tavares. Mas se não queria soffrer vexames, não viesse fazer-se petulante comnosco. Quiz impugnar-nos, rebatemol-o; quiz injuriar,e trapacear, castigamol-o; eis ahi tudo.

Nunca nos importamos, nem importaremos com as opiniões do sr. Santos Tavares, não fazemos caso dellas, como quer, e como cremos que ninguem faz, pode escrever duzentos ou trezentos artigos sobre este ou outro qualquer assumpto, que não descemos a sahir-lhe ao encontro; mas o que lhe não deixamos, é vir bulir naquillo que escrevemos, porque lhe faremos logo para alli pôr o que nos quiser levar. E' o que temos feito, quebrando-lhe as armas do disparate, e fazendo-lhe dar cabriolas, que o atordôam, resvalando no estonteamento.

Só assim se explica a maneira como elle, quando não sabe o que hade dizer, clama sempre que lhe queremos impor silencio, não responde ao que temos dito, e vae buscar novos disparates, que o perdem a ponto de já não merecer a indignação, mas sim o dó.

E senão, vejam como elle se esfalfa a gritar do alto da Castanheira = *Saiba pois o paiz inteiro* = mas o paiz não ouve nada, o que ainda é uma fortuna para o sr. Santos Tavares, porque podiam leval-o para Rilhafolles. Vejam como elle grita que o traçado do Valle do Vouga demanda *despezas enormes de expropriações*, querendo por outro lado inculcar, que todos os proprietarios para alli são uns pobretanas. Vejam como elle grita que com o traçado do Valle do Vouga fica Agueda sem estrada, como se o não ficasse egualmente com o traçado da Serra das Talhadas, e como se não fosse possivel, e uma necessidade que se ha de satisfazer, a construcção d'um ramal de communicação para aquella villa.

Diz então o sr. Santos Tavares com um brio palerma.— *Declaramos que havemos de continuar a tractar da questão da estrada,peze a quem pezar.* Ora a nós o que nos peza realmente é que elle não persista no seu intento,e viesse logo declarar no outro artigo,que a questão ficava para elle acabada. Isto é que nos magoou deveras, e que nos moveu principalmente a vir ainda destruir-lhe o reductosito onde se foi agachar,para ver se elle continua a tractar da questão da estrada, porque os seus artigos são a melhor defeza do traçado do Valle de Vou-

---

FOLHETIM

SUMMARIO:

O canario da beata! — A minha historia e a do leitor. — De como é perigoso escrever folhetins na provincia! — As mamãs. — O Chiado, a Calçada, os Loyos, e a Praça. — A's tricanas tambem o folhetim! — Touros que não houve e baile que hade ser. — *D. Garcia de Menezes*, conto por *J. E. Lobo de Moura*. — Que o melhor se guarda para o fim.

Era uma vez uma beata....

— Uma beata ?!

Uma beata que tinha um canario...

— Um canario ? ! ! !

A voz deste canario era tão harmoniosa, e sahia-lhe da garganta em notas d'uma pureza tão suave, que fazia o pasmo da dona da casa, dos visinhos, dos que o escutavam. Soberbo desta prenda parecia um potentado dentro da gaiola. Não lhe faltava sustento, e os extremos da beata chegavam a ponto de comprar pães de ló para mimoscar o passarinho. Quando, porem, se aproximava a quaresma estes cuidados degeneravam no mais ingrato esquecimento. A beata passava a maior parte do dia na igreja, não se lembrava de comprar pães de ló, nem ia á noute examinar se havia painço na gaiola. O canario vivia triste e desconsolado. Isto durava até sabbado d'alleluia. Então a beata chegava da igreja, ia direita á gaiola, e alli, em frente da victima da sua ingratidão confessava os peccados em que estava para com ella, e pedia perdão delles promettendo para o futuro a renovação dos antigos carinhos. Dahi por deante entravam de novo em scena os pães de ló, o canario remoçava, e a beata era feliz.

Essa pequena historia que acabas de ler, leitor amigo, é a minha e a tua historia. E' a historia de nós ambos, e eu conteita para que fiques sabendo quaes são as relações,que nos prendem, e ligam um ao outro.

Não és tu o meu canario? Não sou eu a tua beata ? Os folhetins que te dou não serão pães de ló para o teu espirito ?

Tenho andado muito tempo afastado de ti, é verdade; mas não foi por esquecimento. Lembravas-me de mais, e a só ideia da tua existencia havia-se transformado para mim em um pesadello medonho e terrivel. Dei-te dous folhetins, como quem diz dous pães de ló, e deixei-te, e não te procurei outras vezes, e não te dei mais pães de ló ! Uma quaresma d'um genero especial roubou-me o tempo, parte do qual te pertence por direito de conquista.

De conquista, disse eu, e agora vejo a pungente verdade que incerram as minhas palavras. O que ha de mais conquistado do que o tempo do folhetinista, do que elle mesmo ? Na região das lettras o folhetinista é uma excepção. Não dispõe de si, não é pessoa, é cousa. Se disser que elle é quasi um bem de raiz do publico para o qual escreve, talvez não dê uma ideia bem exacta dos laços que o prendem ás pessoas, que o leem.

E' extremamente perigoso escrever folhetins na provincia, e esta litteratura ligeira, destinada a servir de desenjoativo ao leitor, especie de conserva para os artigos politicos, jamais poderá ser cultivada em Aveiro, como o é em Lisboa, ou Porto. Falta aqui o movimento de toda a especie, que ha naquellas cidades, e outros muitos elementos indispensaveis para escriptos desta natureza. Em compensação a sociedade é outra, os costumes teem uma indole relativamente diversa, o viver, finalmente, offerece varios aspectos que são talvez imaginados, mas não bem conhecidos lá fóra.

O perigo, porem, não está em chegar um dia em que seja absolutamente impossivel fazer-se o folhetim por falta de materia porque neste caso o folhetinista soccorre-se á imaginação, e escreve de modo que falle de tudo sem fallar de nada. Depois, e é este o segredo destas composições,o estylo é o principal. Pouco importa que as ideias nem tenham frescura, nem graça. O modo de dizer as fará graciosas e risonhas como os enfeites e arrebiques da moda fazem formoso o que é feio, moço o que é velho, gracioso o que é desengraçado.

Não sei porque, mas na provincia o folhetinista é menos estimado do que os outros escriptores. Pintor de costumes, destinado a photographar a sociedade em todas as faces, pelas quaes póde ser encarada, talvez seja pelo receio de se verem retratados nos seus quadros, que o evitam, o aborrecem mesmo. Seja pelo que fôr, a verdade é que o mister de folhetinista não póde ser exercido se não por quem se resolver a affrontar o mais completo ostracismo.

Eu contava certo numero de pessoas com as quaes me achava relacionado tão intimamente que nunca me chamavam se não pelo diminutivo do meu nome. Logo que escrevi o primeiro folhetim deram-me outro tractamento. Quando escrevi o segundo deixaram de me fallar. Varios sugeitos, que me cumprimentavam ao passar por mim na rua, não tornaram a tirar-me o chapeo.

As mamãs, se entro n'uma salla, dizem immediatamente ás filhas:

— Endireita-te, menina. Elle ahi vem...

— Elle ! Quem ?

— Elle, o homem do *Districto*.

— Mas que tenho eu ?...

— Tu não sabes que repara em tudo ? E' capaz de fallar em ti ámanhã. Aquillo é uma alma damnada.

Se as demonstrações de desagrado que tenho recebido fossem só estas eu ainda poderia suppor que não havia perdido inteiramente as graças do bello sexo.

A tricana, essa creatura seductôra por instincto, cujo typo engraçado e ligeiro já fez dizer a alguem que Aveiro era Pariz descalso, cuja proverbial

ga. O ultimo é d'um valôr impagavel, foi verdadeiramente um fecho d'oiro. Fallam duas pessoas respeitaveis, e visinhas das localidades, diz elle, e que não podem deixar de pertencer á respeitavel classe dos padres—engenheiros, que ultimamente se organizou na Serra das Talhadas. Diz um: *o traçado do Valle do Vouga, desde Valle-Maior até Pecegueiro, não tem povoação alguma:* (aqui muito baixinho, e entre parenthesis: esta senhora pessoa respeitavel diz uma mentira, porque entre aquellas duas povoações, o traçado atravessa tambem Mouquim, e passa por baixo de Villa-Nova dos Fuzos.) Diz o mesmo = E de Pecegueiro até Sejães, tem sómente *Paçô, Pedre e Fornelo...*, (aqui a pessoa respeitavel toma ares de miliciano, fallando em divizões militares, brigadas e batalhões) *por quanto as melhores povoações das freguezias de Cedrim, Ribeiradio, Arcozelo, e Pinheiro, ficam a meia legua ou mais de distancia na encosta sempre a subir para cima* (a pessoa respeitavel costumará subir para baixo? !) *pela qual não pode descer cavallaria senão desmontada.*

Relativamente a estas paragens, diz o outro = A estrada passa no concelho de Sever desde Pecegueiro, em Cedrim e Passô... em Ribeiradio pelo Barreiro, Gallêgas, Valcouce, Quintãas, sahe de Ribeiradio pelo fundo d'Arcozêlo encostada ao Vouga, atravessa o logar de Porcelhe, e segue para Pinheiro por um dezerto habitado por ursos (que horror!!!)

Mas afinal qual d'estas duas respeitaveis pessoas fallará verdade, porque estão em contradicção? Vejamos o resto. Continua o primeiro = é uma grande falsidade dizer que esse traçado atravessa as freguezias de Pinheiro, Sejães, Oliveira de Frades, Souto, S. Vicente, e Vourella; não pode ser tal, porque Pinheiro tem pelo fundo a freguezia de Sejães, e Oliveira de Frades tem pelo fundo a freguezia de Souto!

Ora havemos de confessar que esta primeira pessoa respeitavel, fallou com muito acerto. O sr. Santos Tavares só houve por bem corrigir-lhe a verdade que elle disse, quando fallou em S. Thiaguinho, e levou esta povoação para a freguezia de Oliveira de Frades, aonde nunca pertenceu nem pode pertencer, para completar devidamente as *exactas* informações do seu respeitavel amigo, as quaes tem ainda a vantagem de continuar em contradicção com as do segundo, que diz que o traçado passa de Pinheiro a Travanca, dahi á villa de Oliveira de Frades, e dahi a Souto, etc.

Já se vê que estas duas pessoas respeitaveis estão muito no caso, como diz o sr. Santos Tavares, de fazer uma justa apreciação das duas directrizes que se propõe. Têm ampla liberdade para dizer o que quizerem sobro estes assumptos, podem levar o traçado para a borda do Vouga, ou para o meio da encosta, conforme lhes approuver, podem descer para cima e subir para baixo, podem chamar rios aos riachos, e invental-os onde lhes parecer, podem collocar Porcelhe encostado ao Vouga, podem levar o centro de Alafões para Campia, podem andar a fazer a rezenha dos homens que *tem milho para comer*, podem vir vender á feira de Arcozelo a neve que lhe cahir na Serra das Talhadas, podem figurar de ursos por aquellas encostas, que tudo lhe fica muito bem, e dão-n'os o gosto de os vêr e ouvir, acompanhados, já se sabe, pelo sr. Santos Tavares, com quem devem formar o conselho dos trez.

Nós, a quem nos perguntar pela verdade, contentar-nos-hemos com lhe dizer—a verdade é esta. O traçado pelo Valle do Vouga, a partir da ponte de Pecegueiro para Vouzella, atravessa primeiro a freguezia de Paradella, ficando-lhe para a parte superior os logares de Paradella, Bouçós, e Quinta do Val-Covo; atravessa depois a freguezia de Cedrim por Passô, passando por baixo de Cedrim, Villarinho, Varziellas, e Fontella; passa a Ribeiradio, atravessando os logares do Barreiro, Gallegas, Portella, Valcouce, Aidos, Moreira, Quintã, Vinhas e Campanario, ficando-lhe pela parte superior os logares de Espindello, Parada, Passos, Paredes, Alagôa, Lameiro Longo-Soutto-Maior, Soma, Outeiro, Quintãas, Cazal, Pinheiro, Ladario, Ramalhal, e Logar da Igreja, e pela parte inferior, Emviande, Cazal-Bom, Bouças, Porto-Ribeiro, Fundo de Villa, Aldêa de Baixo, Torre, Candamil, e Pedre. O traçado segue depois pela freguezia de Arcozelo, atravessando Porcelhe, e tudo para cima as povoações de Arcozelo, Villa-Chã, Ladario da Serra, Quintella, e Povôa, e para baixo as de Cadavaes, Virella, e Fornello: passa depois ao logar dos Terreiros na Ugeira, da freguezia de Sejães, de que lhe ficam inferiores as povoações de Sejães, Logar da Igreja, Sequeirô, e Cazal, e superiores a Prova e Nespereira, da freguezia de Pinheiro, cuja povoação o traçado atravessa, indo depois a Travanca, e á Villa de Oliveira de Frades, ficando-lhe perto d'um e d'outro lado a Deveza, Videira e Torneiros, e seguindo pelo meio de Soito, e por baixo de Ferreiros da freguezia de S. Viceute, para chegar á villa de Vouzella.

Eis ahi as povoações e lugares desta parte da encosta que o traçado do Valle do Vouga serve immediatamente, não fallando nas povoações das freguezias de Sevêr, Rocas, Silva-Escura, Couto d'Esteves, Arrões, S. João da Serra, Valladores, S. Christovão, Santa Cruz, Carvalaes, Serrazes, Varzea, e Bardonhos, da outra encosta até S. Pedro do Sul, a quem o traçado aproveita, como aquelles povos todos testemunham nas representações que tem dirigido ao governo de S. M.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

N.º 35.—Ill.mº ex.mº sr.—Recebi, com o sentimento que v. ex.ª de certo me fará a justiça de suppor e acreditar, os telegrammas dos dias 9 e 10, e os dois ultimos do dia 11.

A inesperada morte de S. M. el-rei o sr. D. Pedro V, que Deus haja em sua santa gloria, dias depois do fallecimento de S. A. o sr. infante D. Fernando, deixou-me em grande consternação. Os dois primeiros telegrammas deram-me serios cuidados, mas esperei sempre que Deus salvaria uma vida que nós todos estimavamos e apreciavamos.

Se n'este mundo houvesse consolações para a perda que soffremos, eu poderia talvez ter alguma nas provas de sentimento e pezar que tenho recebido hontem e hoje.

S. M., mal soube este triste acontecimento, mandou logo dar-me os pezames pelo seu camarista de semana, o barão Gyllenkrok.

S. M. a rainha, viuva, mandou-me escrever pelo seu camarista, barão Ehrenborg, que pouco depois veiu em pessoa renovar os pezames de S. M.

SS. AA. o principe e princeza Oscar telegrapharam de Nice ao seu mordomo, o sr. Flach, que veiu hoje visitar-me da parte de SS. AA.

O ministro dos negocios estrangeiros veiu, depois de responder por escripto á minha communicação, visitar-me.

Recebi a visita dos meus collegas todos. Um grande numero de pessoas teem vindo vêr-me ou deixado bilhetes. Todos se exprimem com muito e muito sentimento.

Cumpri já hontem o triste dever de pedir a v. ex.ª que puzesse aos pés de SS. MM. os meus mui sentidos e sinceros pezames pela desgraça que veiu inesperadamente attribular a nação. V. ex.ª faz-me-ha um grande favor se tiver a bondade de renovar os sentimentos de afflicção e dôr com que ponho aos pés de S. MM. e AA. esses meus humildes mas sentidos pezames.

Tenho a honra de remetter a V. ex.ª dois numeros do jornal official em que vieram publicados os telegrammas que recebi; e de ajuntar a este officio a resposta do conde de Manderston e o bilhete que me escreveu o camarista de S. M. a rainha Josephina.

Deus guarde a V. ex.ª Stockolmo, 13 de novembro de 1861.=Ill.mº e ex.ª sr. Antonio José d'Avilla, ministro dos negocios estrangeiros.=*Antonio da Cunha Sotto Maior.*

(*Traducção*)

Stockolmo, 12 de novembro de 1861.=Sr. ministro.=Foi com o maior sentimento que o rei soube a triste noticia que acabaes de communicar-me. Posto que, depois dos despachos chegados hontem, tanto as que vos servistes transmittir-me, como as que expediu o sr. de Crusenstolpe, a esperança de conservar uma vida tão preciosa fosse quasi nulla, comtudo o rei lisongeava-se com a idéa de que a mocidade e a boa constituição de S. M. o rei D. Pedro o poderiam salvar, e que a Providencia se dignaria conserva-lo ao amor do seu povo. Nos seus insondaveis decretos o Todo Poderoso decidiu o contrario. Cumpre que nos submettamos á sabedoria divina, mas tambem nos é permittido conceber e manifestar os sentimentos mui sinceros que inspira a prematura perda de um principe dotado de tão eminentes qualidades, e nascido para honrar o throno antigo e illustrado que occupava.

O rei encarregou-me de vos exprimir a dolorosa parte que S. M. toma n'esta tão grande desgraça. O seu encarregado de negocios em Lisboa recebe pelo telegrapho ordem para testimunhar egualmente estes sentimentos, e annunciar que S. M. tomará luto immediatamente, assim como a sua côrte. Permitti, sr. ministro, que vos expresse pessoalmente quanto me associo á vossa justa magua, conhecendo o vivo e constante affecto que haveis consagrado ao joven sôberano, cuja perda todos deploramos. Concebo facilmente a magua que deveis experimentar, e em vista de um acontecimento tão profundamente penoso, não me é licito offerecer-vos consolação alguma. Dignai-vos aceitar, sr. commendador, as novas seguranças da minha mais distincta consideração. =Ao sr. Sotto Maior, ministro residente de S. M. F.=*Manderstron.*

Está conforme.=Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, 27 de novembro de 1861.= *Emilio Achilles Monte-verde.*

(*Traducção*)

Da parte de S. M. a rainha, viuva, de Suecia e Noruega, o seu camarista de semana tem a honra de apresentar ao sr. Sotto Maior, ministro residente de Portugal, a expressão da viva parte que S. M. a rainha, viuva, tomou logo que teve noticia da morte de S. M. o rei D. Pedro V.

S. M. a rainha encarregou o seu camarista de rogar ao sr. Sotto Maior queira exprimir ao seu soberano, S. M. el-rei D. Luiz Filippe, assim como ao rei seu augusto pae, a intensa dôr de S. M. a rainha, viuva, por tão grande perda.

Stockolmo, 12 de novembro de 1861.=Ao sr. commendador Sotto Maior.

Está conforme.=Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 27 de novembro de 1861. =*Emilio Achilles Monteverde.*

Legação de sua magestade fidellissima na Russia. — N.º 35. — Illm.º e exm.º sr. — Penetrado da mais profunda dôr, tenho hoje a honra de accusar a recepção dos dois ultimos despachos telegraphicos de v. ex.ª, datados de 11 do corrente, o ultimo dos quaes me traz a funestissima e tristemente prevista noticia da morte de sua magestade el-rei D. Pedro, que do fundo do coração deploro, e que é geralmente sentida nesta corte como uma verdadeira calamidade, tão grande era a sympathia e respeito que nos poucos annos do seu reinado tinha sabido inspirar, até aos estrangeiros os mais distantes, o nosso chorado soberano! O imperador já antes de saber deste cruel acontecimento, e quando só elle era receiado, me tinha feito chegar pelo principe Gortschakoff a expressão da sua viva sympathia neste momento doloroso e solemne, e como logo em seguida se verificassem os nossos mais tristes receios, tambem a manifestação da sua dôr, fazendo-me a honra, como me repetiu o principe, de me encarregar directamente a mim de levar ao conhecimento de v. ex.ª esta demonstração. O principe accrescentou ainda, insistindo que o fizesse nos termos mais expressivos, pois muito lh'o recommendára sua magestade imperal. Assim o tentei no meu despacho telegraphico em data de hontem, mas receio que no meio da cruel dôr que me afflige não tenha sido bastante explicito e claro a tal respeito.

Neste momento angustioso para mim, que tão particularmente era grato a sua magestade el-rei D. Pedro, pelo favor e benevolencia com que logo ao subir ao throno me distinguiu, nomeando-me chefe desta missão, não acho expressões com que encarecer a perda que todos os portuguezes experimentam na morte de um soberano dotado de tão eminentes virtudes e distinctos dons, restando-me só o dever de rogar a v. ex.ª a honra de offerecer os meus respeitosos pesames, beijando por mim as reaes mãos de suas magestades el-rei D. Fernando e do nosso novo monarcha, a quem presto a mais sincera e devota homenagem e obediencia. O principe Gortschakoff me escreveu para me manifestar as suas vivas sympathias neste tristissimo momento.

O secretario desta legação me acompanha na expressão destes sentimentos.

V. ex.ª perdoará o desalinho com que lhe escrevo, devido ao estado do meu animo, que não me permitte nenhum trabalho regular e ordenado.

Deus guarde a v. ex.ª S. Petersburgo 1 (13) de novembro de 1861. —Illm.º e exm.º sr. Antonio José d'Avila. — *Visconde de Moura.*

CHRONICA DISTRICTAL

(Do nosso correspondente.)

ELEIÇÃO MUNICIPAL EM AGUEDA

Consta-nos por pessoa fidedigna, que se não fossem a intrepidez e uma decidida dedicação da opposição a toda a prova pela regeneração do seu concelho, teria sido impossivel arrostar contra o furor da auctoridade.

É para lamentar a sorte d'um concelho inteiro, onde os eleitores se viam marchando arregimentados, vendo-se á frente de cada columna o seu regedor, feito sargento entrando pelo templo sem respeitar nem o logar nem o publico. Mas o escandalo subiu de ponto na assemblêa de Agueda, onde o chefe governativo desenfreado percorria todos os becos em busca dos eleitores, a quem conduzia e fazia conduzir pelos regedores para o logar da sua habitação, onde recebiam as listas, que haviam de lançar ás cegas dentro da urna!

A opposição presenciando um tal cynismo, com a maior placidez condemnou na presença dos eleitores algemados a propria auctoridade; saindo-lhe ao encontro varias vezes, não se poupando a levar a convicção a todos os eleitores, rebatendo e acossando os agentes do despotismo.

As listas eram trocadas pela propria auctoridade, e algumas rasgadas, sendo-lhes estorquidas! E' assim que o lobo esfaimado foi fechando na sua propria casa, como em um redil as infelizes e incautas ovelhas; e é assim que se diz livre um paiz, em que o acto mais solemne, em que o direito mais sagrado é exercido debaixo da pressão mais violenta, que o despotismo pôde inventar! E' o cumulo da hediondez e do furor rancoroso sobre um povo inteiro!

Veremos o que farão os poderes publicos contra abusos tão revoltantes. Continúe a opposição na sua senda, porque estes traficantes de liberdade serão n'uma hora confundidos.

A opposição contou perto de 300 votos, que foi um verdadeiro triumpho para um concelho, onde o posso, quero e mando tem todo o imperio.

*

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Concelho d'Anadía, 28 de novembro 1861.

Ao acabar de ler a correspondencia particular do concelho de Oliveira do Bairro, inserta no n.º 43 do seu bemquisto jornal, não pude escapar á tentação de vir tambem, por esta fórma, á imprensa dizer duas palavras sobre a antithese que ali sobresahe entre os administradores destes concelhos visinhos: — os srs. José de Mello Freitas Pinto, e José Rodrigues Cerveira, ambos bachareis formados na faculdade de direito.

Com effeito...., sr. redactor, parece incrivel (mas é facto), que em quanto no concelho de Oliveira do Bairro, um joven (formado ainda não

---

gentileza eu defendo, com grave escandalo das senhoras, todas as vezes, que a vejo contestada, até a tricana entra no numero das pessoas que por ahi conspiram contra mim.

Ha dias fui de tarde, segundo o meu costume, ao bem parado dos que em Aveiro querem ver, e ser vistos. Em toda a parte ha homens assim, e existem destas paragens, destes poisos, onde elles se reunem, com o fim de ver as mulheres que passam, e de fallar das que não passam. Estes logares são sempre os mais frequentados e concorridos e assim Lisboa tem o Chiado, Coimbra a Calçada, o Porto os Loyos.

Em Aveiro a praça é o ponto em que de tarde vae acampar, gente moça e vélha, a sisuda e a folgasã. Alli não se conversa nem se trata de negocio algum, nem a vista encontra perspectivas de terreno que a deleitem e distraham. Porque é então que todos alli vamos? O que é que nos attrahe á praça?

A tricana é quem alli nos leva, e tu, meu leitor maganão, giras, como borboleta junto á luz, em torno do brilho dos seus olhos travessos até que por fim és crestado por elle. Se adoramos o bezerro d'ouro porque não teremos a coragem de confessar que queimamos incenso aos falsos deuses?

Eu achava-me desprevenido, e nem fazia ideia de todos os males que sobre mim havia accarretado a publicação dos dois malditos folhetins. Por isso na melhor boa fé dirigi a palavra á primeira tricana que com o seu cantaro á cabeça passou por ao pé de mim, mas ella não me respondeu. Attribui a falta de resposta a não ter ouvido o meu cumprimento, e não me lembrei mais de tal.

Dirigi-me a outra e a outras, mas ellas voltavam a cara para o lado, e fugiam de fallar comigo. Comecei a preoccupar-me devéras com isto, e fazendo um exforço agarrei pela mantilha a uma Rozinha que tambem ia já fugindo.

— Venha cá. Quero que me explique uma cousa.

— Diga o que é, mas depressa, e largue-me primeiro a mantilha.

Contei-lhe em poucas palavras o que me havia succedido.

— E o sr. admira-se disso? Pois olhe ainda lhe hade accontecer peior?

— Mas, porque, porque? Que fiz eu ás raparigas?

— O que lhes fez? Eu não sei. O que posso dizer-lhe é que ellas queixam-se de que o sr. é um lingua de trapos, e de que mais cedo ou mais tarde vae por ahi deital-as aos papeis.

— Aos papeis? Quaes papeis?

— Pois que papeis hão de ser? A esses *campeões* que ha na cidade.

— Eu deital-as aos papeis, aos *campeões*? Diga-lhes que não, que tal não farei, e que se alguma vez fallar dellas hade ser elogiando-as, como merecem.

A verdade é que eu não fazia tenção de dizer nada disto, e que me desviei insensivelmente do que tinha em vista escrever. Tambem nós achamo-nos actualmente tão desamparados de distracções como sempre; e se eu tentasse fallar d'algumas ser-me-hia necessario creal-as para meu serviço... no folhetim.

A esperança que tivemos de gosar algumas tardes de touros de todo se malogrou. Ou porque a estação invernosa vae já muito adeantada, ou porque se offerecem obstaculos á construcção da praça, o certo é que se não effectuam as projectadas corridas.

Felizmente as esperanças, como a *Phenix*, renascem das proprias cinzas, e morta uma apparece logo outra á substituir o logar d'aquella. Quantas mais perdemos mais temos a perder, e a humanidade vive e morre entre a ultima que não se realisou e a ultima que nutrio.

Se desta vez ficámos sem touros, para o proximo carnaval parece que não ficaremos sem o baile de mascaras, que o club se propõe dar-nos, e visto que os bailes são da sua especial competencia, minha amavel leitora, seja-me permittido dar-lhe esta agradavel noticia, e com ella os meus parabens.

E agora tratemos d'outro objecto mais serio mas não menos agradavel.

Na primeira occasião opportuna começará a publicar-se em folhetins nas columnas deste jornal uma collecção de contos e lendas compostos sobre as narrações d'alguns livros, entre os quaes figuram as *Decadas* de Diogo de Couto. Esta obra representa as primicias litterarias do meu amigo J. E. Lobo de Moura, e é já de per si um testemunho irrefragavel do muito vigor de sua intelligencia, da sua applicação aos livros, e sobre tudo da fé que tem na emancipação litteraria, que ahi se prepara ha alguns annos, e da qual nos aproximamos com passos vagarosos mas seguros.

O primeiro conto intitula-se *D. Garcia de Menezes*, e nelle veem narradas as suas aventuras. Cita o auctor as palavras de que o chronista se serve occupando-se delle. Dellas se infere que o amor foi sempre o mesmo em todos os tempos, e que os nossos maiores apezar de guerreiros, e navegadores, não eram totalmente indifferentes ás doçuras deste sentimento.

Vindo a estudar á corte, diz Diogo de Couto, (o heroe desta aventura) se namorou d'uma dama filha d'um fidalgo, muito honrado, com que foi achado.

Não é uma aprezentação que faço. A obscuridade do meu nome véda-me o prestar officios desta ordem. De mais as aprezentações no mundo litterario passaram de móda, e hoje quem quer aprezenta-se a si mesmo independente do favor alheio.

Por dar conta do trabalho do meu amigo é que eu devia talvez ter começado. A esta observação responderei:

— O melhor não se deve guardar para o fim?

M. DE M.

ha dois annos, sem practica do fôro, e quasi extranho ao local) sabe comprehender tão bem as attribuições d'administrador, a ponto de captar as sympathias de todos os seus administrados e por tal fórma, que os tem tornado unanimes na politica do concelho, que tão heterogenea tem sido; — no concelho d'Anadia o sr. Cerveira (que pela emphase com que acompanha os seus gestos e discorrer, quer revellar um jurisconsulto abalisado e independente), — longe de lembrar-se que a união do povo é a sua força, como a divisão delle a sua fraqueza, e que a força de quem o governa está toda na paciencia d'esse povo —, fomenta com o seu apoio a discordia que já se achava semeada n'esse pedaço de terreno do concelho, que fica ao poente do rio Certima, e a que pertence, apresentando uma lista das pessoas que deviam compôr a camara municipal futura, que alem d'inepta era parcial! . . . Esquecendo que a arma da auctoridade é a imparcialidade e a rectidão, pertendia assim deixar dois terços do concelho sem representantes!..

Os resultados foram como se esperavam:

O administrador do concelho de Oliveira do Bairro teve a gloria de ver que a sua lista foi approvada sem opposição alguma:

O administrador do concelho d'Anadía vendo na lucta eleitoral deste concelho uma prova do muito que uma grande maioria dos eleitores lhe é indifferente, desiste á ultima hora das suas pretenções; não se digna sequer ir á urna; mas o que é mais—ordena aos seus regedores que avisem os votantes para que não compareçam tambem!!!...

Este facto está commentado por sua natureza.

Srs. governantes! — convençam-se do que escreveu um dos nossos mais distinctos escriptores = « No tempo da lucta dos partidos, os vicios se transvertem em virtudes, e as virtudes em vicios » = É que n'um povo desvirtuado — a moral, porque não existe, não regulará a vontade, e as acções não poderão ser reguladas pela lei.

O sr. governador civil não deve ser indifferente á nenhuma influencia que o governo actualmente tem no concelho d'Anadia. Não nos deve fazer capacitar do que ouvimos dizer ainda não ha muito: = « Por ora só tivemos tempo d'observar que a primeira auctoridade administrativa deste districto é excellente d'estampa ».

De V. etc.

L. Constante.

NOTICIARIO

Parricida. — Na noute do dia 30 do mez proximo passado Manoel Machado barqueiro morador nesta cidade estava deitado na prôa do seu barco onde muitas vezes costumava dormir. A's 11 horas chegou ao mesmo barco seu filho Roque, mancebo de 20 annos, e quiz passar a noute na mesma prôa junto de seu pae. Manoel Machado não queria receber o filho mas antes lhe dice repetidas vezes que fosse dormir a caza para fazer companhia a sua irmã. O filho teimou e o pae, parece que com pouca vontade, condescendera.

Seria passado um quarto de hora quando se ouviram repetidas pancadas na prôa do barco de Manoel Machado. Seguio-se o silencio d'alguns minutos e logo apóz o filho em pé no meio do barco começou a gritar á voz de el-rei que matavam seu pae.

Longo espasso gritou assim, sem que ninguem acudisse apesar de acontecer isto no caes junto á praça e de serem os gritos lastimosos ouvidos a grande distancia. A guarda militar encarregada da segurança da alfandega que ficava a doze metros de distancia não acudiu logo e menos os barqueiros que passavam a noute nos seus respectivos barcos amarrados no caes. Foi então que o sr. dr. Bento de Magalhães vendo isto sahiu de casa com um criado chamou os soldados da guarda da alfandega foi com elles ao barco de Manoel Machado e á luz de uma lanterna viram este desgraçado dentro da prôa com largas e profundas feridas feitas no rosto na cabeça e nos braços o qual desde alguns minutos antes e logo que ouvira vozes de quem ia soccorrel-o tinha começado a clamar com voz enfraquecida, aqui d'El-Rei que me matou meu filho, — prendam meu filho que me matou.

Quanto mais o pae assim se queixava do filho, tanto mais este se exforçava por abafar as vozes do pae, esganiçando as suas.

Logo se vio ali o instrumento do crime que foi um comprido podão todo tinto de sangue. O sr. dr. Magalhães mandou logo que os soldados se apoderassem do filho de Manoel Machado e o levassem para a cadeia o que se fez sendo para isso necessario quasi arrastal-o até lá; tanto elle se recusava a isso gritando que não queria abandonar seu pae que estava a expirar!!!

A esse tempo o sr. Dr. Magalhães já tinha mandado pelo seu creado e por um filho de Francisco Santo Thyrso, unico barqueiro que ali appareceu, recado ao hospitaleiro, para ter aberto o hospital, e recolher o ferido, e aos facultativos do mesmo hospital para que lhe viessem pençar as feridas.

O sr. Antonio José Martins Raposo, que então appareceu, tambem correu a casa dos mesmos a pedir que se não demorassem.

Quando o infeliz pae foi trazido para fora da prôa, vinha no estado mais lastimozo. A cabeça cheia de profundos golpes que chegavam aos ossos do craneo, cheio de mutilações o braço esquerdo com que elle defendendo-se do filho lhe amparava alguns golpes; = o rosto mutilado por tal forma que um dos golpes lhe abrira toda a face esquerda de cima a baixo vendo-se-lhe por elle os dentes.

A cabeça e o rosto estavam inteiramente cobertos de sangue empastado; os olhos envidraçados e mal podia suster-se.

A custo foi transportado para o hospital onde o sr. João Maria Regalla e seu filho lhe pençaram as feridas.

Parece que nenhuma dellas é mortal o que provavelmente se deve a têr sido commetido o delicto dentro da prôa do barco, onde por falta da altura não teve o parricida espaço para vibrar os golpes á sua vontade.

Crimes de tanta atrocidade são rarissimos em qualquer paiz. Aveiro nunca os vio. É muito para sentir a falta de policia desta cidade, que chegou a ponto de occasionar a fugida do delinquente. Ainda bem que a Providencia não quiz a sua impunidade, porque tendo muito tempo para fugir, ficou depois do crime o filho parricida, como que por uma força sobrenatural, amarrado ao que elle já suppunha cadaver de seu pae.

Suffragios. — No dia 22 de novembro ultimo teve logar na egreja matriz do concelho de Macieira de Cambra um officio e missa de *requiem* por alma do nosso muito amado e sempre chorado monarcha o Senhor D. Pedro V.

O templo estava primorosamente decorado. Assistiram a esta solemnidade o sr. administrador do concelho e a respectiva camara municipal com a bandeira coberta de lucto, todos os funccionarios e empregados publicos, bem como um immenso concurso, e pessoas de distincção.

Para tornar este acto mais sumptuoso, a camara havia pedido por officio aos red.os parochos e mais ecclesiasticos de todo o concelho a fim de assistirem, — faltando a este convite o red.o parocho e mais clerigos da freguezia da Junqueira!

No fim deste acto funebre foram distribuidas esmolas aos pobres que ali concorreram, e um jantar aos presos.

São devidos estes suffragios ao zelo do administrador e camara municipal do dito concelho.

Errata. — Na correspondencia inserta no nosso n.º 41 de 8 de novembro ultimo — sobre o padre *Marianita* — onde se lê = « o fez enforcar no corpo da egreja », = deve lêr-se = « onde o fez enforcar na torre da mesma egreja » =.

Archivo Pittoresco. — Acaba de publicar-se o n.º 37 do 4.º volume deste excellente semanario: — traz uma das scenas da restauração de 1640, conservadas no palacio dos condes d'Almada, representando João Pinto Ribeiro, e os principaes conjurados — com a relação de todos elles, publicada em 1641.

Contém mais os seguintes artigos e gravuras: — Origem do *Te Deum* do 1.º de dezembro — Anecdotas do dia da acclamação — Pia baptismal de Sancta Maria de Leça do Balio (com uma bella gravura) — As formigas no Brasil — O tapir ou anta do Brasil (com uma outra gravura).

Publica-se este semanario regularmente ha 4 annos, e conta já 4 volumes, contendo mais de 500 optimas gravuras nacionaes.

Redactor principal o sr. Silva Tullio: — Editores os srs. Castro, irmão & C.ª

O preço de cada volume em Lisboa é de rs. 2$000, e de cada numero avulso 50 rs.

Mensagem ao Rei. — A colonia franceza residente em Lisboa dirigiu a El-Rei o senhor D. Luiz I a seguinte mensagem:

Senhor:

Os francezes residentes em Lisboa ousam exprimir a vossa magestade a profunda dôr que lhes causou a morte tão prematura de El-Rei D. Pedro V e a parte que tomam na immensa afflicção da familia real.

Muitos d'entre nós, senhor, assistiram ao nascimento do excellente soberano, cujo ataúde acompanhamos hontem; fomos quasi todos testemunhas da coragem, heroicamente christã, com que D. Pedro arrostou, durante a terrivel epidemia de 1857, a morte que acaba de abreviar tão cruelmente os seus dias. Nunca poderemos esquecer que para esta admiravel dedicação não existam nacionalidades, e que, portuguezes ou estrangeiros, todos tinham aos olhos de El-Rei os mesmos direitos — os do infortunio.

Depois de ter dado á memoria de D. Pedro V este justo tributo de homenagem, que não poderia, todavia, pagar a divida do nosso reconhecimento, suplicamos a vossa magestade se digne continuar a usar para comnosco da preciosa benevolencia com que nos honrava o seu augusto irmão, affirmando a El-Rei que achará em nós o mesmo respeito e a mesma dedicação qne consagravamos ao virtuoso Principe que deixou de existir.

Somos com o mais profundo respeito de vossa magestade muito humildes, obedientes e dedicados servos.

(Seguem as assignaturas.)

Lisboa 17 de novembro de 1861.

Pantheon real. — Do *Gremio Alemtejaon*, transcrevemos o seguinte:

«A antiga casa dos Reis, no conve..to de S. Vicente de Fóra, onde se depositavam, as pessoas da augusta familia de Bragança, não correspondia ao fim para que fôra destinada, por ser de limitadas dimensões e estar situada em improprio local.

Ha poucos dias concluiram-se os necessarios arranjos na casa do refeitorio do mesmo convento e para ali se trasladaram os ataúdes que contêem os restos mortaes dos Reis, Principes e pessoas da familia de Bragança, que jaziam na antiga casa.

O novo pantheon é quadrilongo, com arcadas de cantaria e pilares da mesma, guarnecidos pelos dous lados com éças.

Na parede do topo está o altar de marmores de côres escuras, em mosaico, ornado com docel e espaldar preto.

Em frente do altar, dentro de um arco de cantaria, está collocado e magnifico tumulo do senhor Rei D. João IV, primeiro da dynastia de Bragança.

Nas duas éças, proximas ao altar, estão os ataúdes de S. M. I. o senhor D. Pedro duque de Bragança e o da Rainha a senhora D. Maria II; sobre o primeiro vêem-se as duas corôas imperial e real e sobre o segundo a corôa real.

Nas outras éças collocaram-se todos os mais caixões que se trasladaram do antigo jazigo.

O pavimento é de marmore escuro em xadrez.

Dão claridade a esta casa onze janellas rasgadas, convenientemente guarnecidas com grandes de ferro e redes de arame, que defendem os vidros de côres, que dão a luz necessaria.

Entra-se para o jazigo por um vestibulo, onde sobre a porta se lê, em letras de bronze dourado, a seguinte inscripção:

REAL JAZIGO

Dos monarchas, principes, e mais pessoas reacs da serenissima casa de Bragança, que, no reinado de sua magestade El-Rei D. Pedro V, mandou erigir seu augusto pae, El-Rei D. Fernando II, regente do reino.

1855.

Em cada caixão ha uma chapa de bronze dourado, tendo no centro a inscripção que designa a pessoa real que ali jaz.

Do mosteiro de Belem foram trasladados para este pantheon os ataúdes que contêem os restos mortaes de El-Rei D. Affonso VI, do principe D. Theodosio e da infanta D. Joanna, todos filhos de El-Rei D. João IV.

Tambem virá trasladada da parochial igreja de S. Pedro de Pena Ferrim, em Cintra, para este novo jazigo real, a Rainha D. Carlota Joaquina.

E da igreja de Marvilha, em Santarém, a infanta D. Maria d'Assumpção tambem parece que será trasladada para esta casa.

As cinzas de Luiz de Camões virão, segundo o pensamento d'El-Rei D. Fernando, repousar ao lado dos reis de Portugal, n'este mesmo jazigo.»

Desde então mais tres cadaveres foram avultar n'aquella funebre galeria, os da Rainha D. Estephania, Infante D. Fernando e El-Rei D. Pedro V, tres memorias lutuosas para uma familia de Reis e para uma nação inteira.

Estragos nos olivaes. — Em uma correspondencia de Mirandella, com data de 22 do corrente, dirigida ao *Nacional*, dá-se a seguinte noticia, sobre os prejuizos causados pelo temporal nos olivaes d'aquelle concelho e nos dos concelhos da Alfandega da Fé:

«Aproveito esta occasião para lhes dar a noticia de uma grande catastrophe que se deu n'estes sitios; appareceu este anno na Villariça e seus suburbios uma grande novidade de azeitona, como ha muitos annos não havia; mas parece que os elementos se conspiraram para que ficassemos sem azeitona e sem oliveiras;

Não tinhamos ainda feito a colheita quando a trovoada do dia 18 de outubro lançou por terra quasi todo o fructo. Na noite de 17 para 18, levantou-se um grande furacão acompanhado de aguaceiros, que derrubou centos e centos de oliveiras, deixando o resto com mais ou menos avaria e deitando em terra alguma azeitona que ainda restava!

Os prejuizos são immensos, ha proprietarios que recolheram 60 carros de lenha de oliveira. Esta devastação abrangeu grande extenção de terras. Os povos que soffreram mais foram, que eu soubesse: S. Comba, Villarelhos, Villar da Villariça no concelho da Alfandega da Fé, Freixeda, S. Salvador. Villa-Verde, no de Mirandella, álem de outros, que são muitos e que seria longo enumerar.»

Pezames da Associação Filial de Barcelona. — A associação filial da Industria Portuense, em Barcelona, apenas teve noticia da infausta morte do sr. D. Pedro, fez uma sessão extraordinaria, e expediu um telegrama de pezames ao sr. D. Fernando.

Uma commissão tambem foi exprimir os seus sentimentos de pesar ao nosso consul naquelle importante centro fabril hespanhol.

Nota de lord Russell. — A nota do ministro dos negocios estrangeiros da rainha Victoria, dirigida ao nosso ministro em Londres a proposito do fallecimento do sr. D. Pedro V, é concebida nos seguintes termos:

«Ministerio dos negocios estrangeiros, 14 de novembro de 1861. — Senhor. — Encarrego-vos de apresentar á familia real de Portugal o sincero e profundo pezar do governo de sua Magestade pela morte do ultimo monarcha.

«As excellentes qualidades do fallecido soberano, a sua admiravel educação, a sua vasta instrucção, o seu zêlo pelo bem-estar do seu povo, os seus principios constitucionaes, conhecimento que tinha dos interesses da Europa, e sobretudo as suas singulares virtudes e não affectada piedada, inspiraram em Portugal dedicada lealdade, e em todas as outras naçõs esperança, respeito e admiração.

«Expressareis estes sentimentos a el-rei D. Fernando, ao principe reinante, e ao ministro dos negocios estrangeiros = Sou etc. — Sir A. Marignis, K. C. B. — (Assignado *Russell*.

«Está conforme. = Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros. em 25 de novembro de 1861. = *Emilio Achilles Monte-verde*.»

Officio funebre em Pariz pelo sr. D. Pedro V. — Eis como o descreve a *Presse:*

«Hoje (21), pelo meio dia, foi celebrado na igreja da Magdalena um solenme officio pelo eterno descanço d'el-rei de Portugal D. Pedro V, e de seu irmão o infante D. Fernando.

«A esta solemnidade preparada, pelo ministro de Portugal em Pariz, assistiu uma numerosa concurrencia.

«A igreja estava forrada de colchoaduras pretas, avivadas por galões de prata, no meio das quaes sobresaiam d'espaço a espaço as armas reaes de Portugal.

«Officiou o padre Deguerry, assistido por todo o seu clero; e a missa foi a cantochão com acompanhamento de orgão.

«No côro tomou lugar a legação portugueza.

«Em a nave, á esquerda, achavam-se varios ministros: MM. Fould, Baroche, Delangle, e o conde Walewski; M. Magne, ministro sem pasta, impedido por motivos de saude, estava representado pelo seu chefe de repartição, M. Vallorand de la Fosse.

A' direita da nave, achava-se o corpo diplomatico, trajando grande uniforme: lord Cowley M. Mon, Vély Pachá, o cavalheiro Nigra, Marques Lisboa, o principe de Reuss, e o embaixador da Persia com o pessoal da sua embaixada.

«Achavam-se alli tambem os marechaes Magnan e Regnauld de Saint-Jean d'Angély; M. Boittelle, prefeito da policia; varios officiaes generaes e funccionarios da casa do imperador: o barão Brenier, senador; o barão Aymé de Aquin, primeiro secretario que foi da legação de França em Lisboa durante a febre amarella em 1858; o conde d'Aquila, thio de Francisco II, cunhado do imperador do Brazil e do principe de Joinville, que pelo seu casamento com a princeza D. Januaria de Bragança, é thio do rei defunto.

«Concorreram muitas damas portuguezas, trajando rigoroso luto.

«Espontaneamente e sem convite, compareceu na igreja da Magdalena uma grande deputação italiana, para prestar homenagem á memoria do soberano, que foi um dos primeiros que reconheceram a unidade nacional da Italia.»

Excellente achado. — Dois operarios francezes, dizem de Constantinopla, acabam de fazer uma rica descoberta: ha 15 dias que tinham sahido de casa e não voltaram para o trabalho. Julgou-se que teriam sido victimas d'algum assassinato, mas poucos dias depois foram vistos na aldêa de Buyukdere em traje de caça, observando-se n'elles certo receio todas as vezes que ali se demoravam. Estes homens possuem hoje a mais rica colleção d'antiguidades que póde imaginar-se, no valor de muitos centos mil francos. Acharam pois quatorze caixas cheias de armaduras, escudos, machadinhas, capacetes etc., de prata e aço, além d'uma grande quantidade de moedas gregas e romanas de prata e ouro, sendo o mais importante do achado quarenta manuscriptos gregos e latinos perfeitamente conservados. Entre as armaduras se encontra uma bordada de prata, ouro e pedras preciosas, sendo o capacete tambem de ouro e de um trabalho admiravel; parecendo remontar-se todos estes objectos aos primeiros tempos do dominio romano.

Aos ordinandos. — O *Diario de Lisboa* publica a seguinte participação que julgamos de interesse publicar:

«Tendo sido presente a sua magestade el-rei o que lhe foi exposto por varios alumnos de disciplinas ecclesiasticas, pedindo que aos alumnos de seminarios e estudos ecclesiasticos que tivessem sido matriculados antes da epocha em que principiou a ter execução o art. 15 do decreto de 26 d'agosto de 1859, não fosse applicada a disposição da portaria de 3 d'outubro preterito, quanto aos documentos comprobativos de habilitações literarias com que devem instruir os requerimentos em que pedirem a concessão da regia licença para a admissão ás sagradas ordens de subdiacono e diacono; concedendo documentarem os ditos requerimentos nos termos da portaria de 25 de setembro de 1850: houve sua magestade el-rei por bem resolver que, para obterem a necessaria licença para a admissão ás duas sagradas ordens de subdiacono e diacono deverão os pertendentes que mostrarem que já em 25 de setembro de 1860 (um anno depois da publicação do dito decreto) estavam matriculados em algum seminario ou aulas publicas de disciplinas ecclesiasticas, instruir os seus requerimentos com os documentos comprobativos das habilitações exigidas pela portaria de 25 de setembro de 1850 para a admissão ás ditas duas sagradas ordens. Ordena outrosim sua magestade el-rei que por igual modo seja regulada a concessão da regia licença para a admissão a ordens sacras aos pertendentes que a tivessem requerido antes da publicação da portaria de 3 d'outubro preterito.

«Paço em 22 de novembro de 1861. — *Alberto Antonio de Moraes Carvalho*.»

Sentença barbara. — A' sociedade aziatica de Londres se acaba de communicar o seguinte facto:

Um commerciante chinez foi ultimamente comdemnado pelos tribunaes do seu paiz a não dormir durante toda a vida, por haver matado sua mulher. A execução da sentença verificou-se em junho ultimo em Amoy. O sentenciado viveu 19 dias sem dormir. Ao 18º padeceu tão horrivelmente que pedia aos seus guardas que o matassem.

Scena comica. — No sabbado de tarde diz o *Nacional*, deu-se em uma das ruas de Lisboa entre dois amaricanos inglezes recenchegados aquella cidade uma scena de pugilato cuja causa é curiosa.

Um do americanos tinha cedido a esposa ao outro, por saldo de contas, n'uma quantia avultada de libras esterlinas; e passados tempos arrependeu-se

do negocio, e apresentou-se com o dinheiro preciso para rehaver a sua mulher; mas a transacção estava feita, e nem o novo possuidor, nem a propria mulher esteve pela proposta.

Começou então a atear-se cada vez mais o desejo do marido, e o outro para escapar ás perseguições deste, embarcou com a mulher. O marido soube da fuga e seguiu-lhe as pisadas.

No dia 23 do corrente vinha o americano ditoso de braço dado com a sua americana, que é um dos mais graciosos e finos typos de ingleza, vinham no *engano d'alma ledo e cego*, que o marido não deixou durar muito, porque se chegou a elles, separou-os com braços de ferro, e descarregou nos queixos do seu inimigo dois inglezes murros, capazes de arrombar uma torre; travou-se uma lucta encarniçada; o sangue espirrava-lhe dos narizes e das faces, o povo corria a vêr o espectaculo sanguinolento, os cabos de segurança empregavan nos assobios toda a sua actividade policial, os soldados appareciam de todos os lados, e no meio de toda esta confusão, a esposa que motivara a scena, a formosa protogonista, chamou tranquillamente uma traquitana e partiu.

Apesar dos esforços dos cabos a luta acabou quando os americanos se acharam fartos de trocar murros. Cada um d'elles procurou a dama gentil, como a não vissem lá foram a correr á tôa pelas ruas á procura do objecto amado, seguidos das gargalhadas do povo, e dos assobios da garotada.

Empregados municipaes. = Quando a camara actual tomou posse encontrou os seguintes empregados :

Um escrivão com.....	200$000	
Um amanuense com.....	96$000	
Trez officiaes com	172$000	594$000
Um empregado para fiscalisar os açougues com	126$000	
Com mais 54$000 de gratificação		648$000

A camara actual vendo *minguar* a cifra da receita *poz de parte melindres*, e fez a seguinte *indispensavel* reforma:

O mesmo escrivão com..	200$000	
Dito amanuense com..	110$000	
Ditos officiaes com....	172$800	842$800
Um chefe de fiscalisação	200$000	
Um novo amanuense com	160$000	

Augmento em prejuiso do cofre municipal 194$800, sem fazer caso dos 126$000 do empregado creado para fiscalisar os açougues da camara, que por isso mesmo não deve entrar no calculo, pois entrando sería o augmento de rs. 320$800.

Com estes dados houve quem pertendesse provar uma diminuição de reis 80$000!!!

Publicação. — Acaba de publicar-se um breve opusculo, que se inscreve — Descripção do prestito funebre, que no dia 16 de novembro ultimo acompanhou os restos mortaes de S. M. F. El-Rei o Senhor D. Pedro V, desde o palacio das Necessidades até ao real jazigo de S. Vicente de Fóra. — Recommendamos a sua curiosa leitura. — Vende-se em Lisboa na livraria Verol, na rua Augusta n.º 171. — Preço 40 rs.

1.º de Dezembro— Damos em seguida a acta que nos dirigio a commissão dos festejos do 1.º de Dezembro :

Aos 28 dias do mez de novembro de 1861, reunidos os membros da commissão promotora dos festejos do 1.º de dezembro nesta cidade d'Aveiro, abaixo assignados, sobre a presidencia do red.º conego José Joaquim de Carvalho e Goes, foi resolvido o seguinte :

1.º Que os festejos do anniversario da nossa independencia nacional fossem addiados para o dia 1.º de dezembro de 1862, conforme a deliberação da commissão central de Lisboa.

2.º Que esta commissão continuasse installada, até que podesse realisar o pensamento para que foi eleita.

3.º Que se desse um voto d'agradecimento a todos os cavalheiros, que se dignaram responder á circular de 3 de novembro, e subscrever, que Aveiro désse um testemunho solemne, de quanto présa o patriotismo.

4.º Finalmente que d'esta acta se extraissem duas copias, para serem publicadas nos dois jornaes d'esta cidade, a fim de que chegue ao conhecimento de todos, que a commissão não se descuidou do encargo que lhe foi imposto, e que se tomou esta deliberação, foi obrigada pela força das circumstancias, attendendo a que o infausto fallecimento de S. M. F. El-Rei o Senhor D. Pedro V despiu os animos da satisfação que devia presidir a uma commemoração toda festival.

E para constar se lavrou a presente acta, que todos assignaram, depois de lida por mim Manuel Ferreira Pinto de Sousa, secretario, que a escrevi e assigno.

José Joaquim de Carvalho e Goes
Manuel Firmino d'Almeida Maya
Francisco Manuel Couceiro da Costa
José Eduardo d'Almeida Vilhena
Francisco Flórido da Cunha Toscano
Antonio da Costa Azevedo
Manuel Ferreira Corrêa de Sousa
José Ferreira Corrêa de Sousa Junior
José Maria Teixeira
Guilherme Maria Sant'Anna
José Maria da Costa Azevedo
Manuel Ferreira Pinto de Sousa

Está conforme. — Aveiro 29 de novembro de 1861.

O secretario = *Manuel Ferreira Pinto de Sonsa.*

Heroismo e humanidade. — Diz um jornal da capital, que na ultima viagem do vapor *Açoriano* das ilhas para Lisboa soffreu aquelle barco tão fortes temporaes que uma das grandes ondas varreu da coberta um dos tripolantes. Deitou-se logo um bote ao mar para salvar o desgraçado, e immediatamente se escangalhou; mas o valente piloto o snr. Monteiro, não desanimando, deitou ao mar segundo bote, metteu-se dentro, e com grande risco da propria existencia conseguiu salvar o infeliz já todo ferido e ensanguentado. Fôrão-lhe prestados os devidos soccorros, e acha-se restabelecido. Este acontecimento teve logar no dia 18 pelas nove horas da manhã no segundo dia de viagem daquelle barco.

Porto suspeito.—Foi declarado suspeito de febre amarella, desde 1 d'outubro proximo passado, o porto de Loanda.

Moeda falsa.—Descobriu-se em Barcellona uma fabrica de moeda falsa.

Os moedeiros foram apanhados em flagrante.

Não é verdade.—O *Jornal dos Debates*, desmente a noticia que deram alguns jornaes francezes, da morte do padre Lacordaire, que tinha experimentado melhoras.

A quem interessar. — Mandou Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, remetter ao presidente da junta do deposito publico de Lisboa, a copia d'um officio do consul geral de Portugal no Perú, datado de 29 de Setembro ultimo, acompanhando a primeira via d'uma letra de cambio igualmente junta, sacada a sessenta dias de vista, á ordem da mesma junta, sobre Antonio Gibbs e Filhos, de Londres, pela quantia de 253 libras esterlinas, 10 shellings 6 pences, provenientes do espolio do subdito portuguez Nicolau José, natural do logar de Santo Antonio, na ilha do Pico, e fallecido n'aquella republica.

CORREIO

LISBOA 1 DE DEZEMBRO

(Do nosso correspondente.)

E' hoje o anniversario do dia memoravel em que sacudimos o jugo hespanhol, proclamando a nossa independencia, e elevando ao throno o duque de Bragança.

Os acontecimentos recentes e luctuosos porque passamos não nos deixaram fazer as manifestações que em todo o reino estavam preparadas para festejar este dia de jubilo. Embora, porem, o festejo não se verificasse, a manifestação nacional está feita, e o vizinho povo deve estar convencido de que não queremos ser hespanhoes.

Houve um jornal de Madrid que se lembrou d'attribuir á presença de dois vasos de guerra hespanhoes o addiamento da commemoração! A esta fanfarronada ridicula podemos responder que a maior parte da gente nem dêo pela entrada de taes navios, nem pela sahida delles. Fizeram tanto caso da presença dos taes navios como da entrada de qualquer gallego que viesse no convez do vapor de Southamptou ou de Saint Nazaire. Foi um acontecimento que passou completamente desappercebido, e de que ninguem fez caso. Bom será que o saibam os ibericos, para sua consolação suprema.

As exequias feitas em Pariz, a expensas da legação portugueza, vem circumstanciadamente descriptas pelo correspondente da *Revolução*, que assistio a ellas na qualidade de convidado. Por essa occasião, a familia real portugueza recebeu um novo testemunho de consideração do imperador dos franccezes. A' mesma hora em que na igreja da Magdalena se solemnisavam os officios funebres por alma d'el-rei, devia haver conselho de ministros. O imperador addiou-o para o dia seguinte, a fim de que os membros do gabinete pudessem concorrer ao acto religioso. Foi uma prova de muita deferencia e delicadeza, a que não podemos deixar de ser gratos.

Os nossos representantes nas côrtes estrangeiras tem todos recebido os maiores testemunhos de consideração dos soberanos, junto dos quaes estão acreditados. Parece que todos á porfia se esmeram em demonstrar o sentimento de que estão possuidos pela morte prematura do rei de Portugal. Entre estas demonstrações certezes sobresaem as palavras de lord Palmerston, dirigidas ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, em memoria do fallecido monarcha.

Por todos estes actos, e pelas expressões da quasi totalidade da imprensa estrangeira, vê-se claramente quanto era estimado e respeitado em todos os paizes o bondoso rei que perdemos.

Hontem foi recebida por el-rei o sr. D. Luiz a commissão, que em nome da municipalidade do Porto, veio appresentar-lhe os seus cumprimentos de pezames. Ouvi dizer que S. M. respondera á allocução da referida commissão com um discurso muito sentido, e que vertera lagrimas de verdadeira dôr ao dirigir-se aos delegados da vereação portuense.

A commissão apresentou-se tambem ao sr. D. Fernando, que a recebeo e lhe fallou com sua costumada benevolencia.

Tive occasião d'ouvir ler uma poesia do sr. Antonio Feliciano de Castilho, dedicada á morte do sr. D. Pedro V. E' destinada a figurar no proximo numero da *Revista Contemporanea*. Affirmo-lhe que é uma das melhores producções poeticas do sr. Castilho, e uma das mais notaveis poesias que se tem escripto modernamente na Europa.

A' difficuldade do verso accresce a belleza das imagens, e a precisão da fraze. Não tem uma palavra de mais nem de menos. A metrificação é esplendida e d'um vigor surprecendente. E' um valiosissimo documento litterario da nossa epoca.

A missa militar, que havia projecto de celebrar-se no Campo pequeno no dia 28 do passado, foi addiada para ámanhã.

O nuncio soffreu uma desfeita da colonia italiana residente em Lisboa. Monsenhor Ferrieri convidou os italianos para assistirem na egreja do Loreto a uma missa por alma d'el-rei.

Á mesma hora celebrava-se na egreja fronteira, a da Encarnação, uma missa mandada dizer pelos italianos, presididos pelo conde de La Minerva. O nuncio foi apenas acompanhado por oito dos convidados, em quanto que o ministro do rei da Italia se viu rodeado por mais de 60 italianos.

Foi a *revanche* que elles tomaram de haver Monsenhor Ferrieri negado o templo do Loreto para as exequias de Cavour, alem dos passos que posteriormente dêu, segundo se diz, para a conhecida recusa dos parochos desta capital.

Os theatros abriramse na quarta-feira. É tristonho o aspecto das salas de espectaculo, mórmente pelo que toca aos camarotes. Todas as senhoras se apresentam, sem exceptuar as estrangeiras, vestidas do mais rigoroso luto.

A proposito do luto, o *Jornal do Commercio* tem escripto no noticiario uns artiguinhos que me parecem de todo o ponto deslocados. Aquelle jornal devia ser mais circumspecto, e pesar melhor as proposições que estabelece. Quando o luto foi tão espontaneo, é realmente improprio da boa cortezia que o esteja criticando aquella folha.

O sr. infante D. Augusto continúa tendo algumas melhoras. Tem luctado com a morte! Foi ultimamente chamado para o tratar o sr. Pereira, natural da India, e cirurgião ajudante do regimento n.º 16. Diz-se que é um facultativo distincto, e com muita prática das doenças como aquella de que está atacado S. A. — O nome do sr. Pereira não figura no boletim!

Já teve logar a primeira lição do sr. Lourenço para o concurso da cadeira de chimica na escola polytechnica. Foi admiravel, e muito festejado pelos examinadores. A um delles ouvi dizer: « Aquillo é que saber! » E note que o examinador a que me refiro, não é facil em dispensar elogios. A segunda lição devia verificar-se amanhã, mas o examinando está doente da garganta.

Tem estado patente na Academia das bellas-artes um quadro de costumes, pintado pelo sr. Assumpção. E' magnifico de verdade e colorido. As figuras estam perfeitamente dispostas. Vendeo-o por cem libras ao sr. Thomasini, que se prepara para o vender em Londres, talvez pelo dobro.

O marechal continua melhor, mas ainda convalescente.

Hontem falleceu o sr. Marino Miguel Franzini, que fora ultimamente nomeado par do reino. Era homem de idade avançada, mas muito estudioso. Era brigadeiro, tinha o titulo de conselheiro, e as honras de ministro d'estado. Foi sempre tido na conta d'um homem muito probo.

Tambem falleceu ha poucos dias o sr. João d'Aboim. Foi um moço talentoso, mas infeliz.

Assegura-se que a sr.ª infante D. Antonia vem passar algum tempo, em companhia de seu esposo, com a sua augusta familia. E' aqui esperada por todo este mez.

Apesar do que já tem dito alguns jornaes, creio não ser verdadeira a exoneração do sr, conde da Ponte do lugar de védor da casa real. Entretanto, parece que a questão é só de tempo e que s. ex.ª não continuará por muitos mezes a exercer aquellas funcções.

A poliitica externa não offerece novidade, e a interna não tem por em quanto alteração.

Na sexta-feira á noute houve conferencia entre o ministro das obras publicas e os commissionados inglezes, que pertendem comprar a linha ferrea do sul. O negocio está em andamento, e creio que não offerecerá grandes difficuldades.

Oxalá que nos seja ventajoso.

A grande commissão que se reuniu no domingo na sala do risco nomeou d'entre si uma delegação para se incumbir de receber as propostas que lhe forem feitas, e escolher depois aque parecer mais conducente ao fim a que se dirige a mesma commissão.

A alfandega grande de Lisboa rendeu no mez proximo findo—235:578$594 rs. e a municipal 154:418$665 rs.

Chegaram a Lisboa mais quatro irmãs da caridade; duas são francezas, e duas portuguezas. Entre estas vem uma que tem o appellido d'Almeida Garrett. Pertence á familia do distincto poeta, que morreu com irmãs da caridade á cabeceira.

EXTERIOR

Continuava no dia 23 na camara italiana em Turin a discussão das leis administrativas; ao tratar-se da extraordinaria relativa á guerra mr. Ricciordi combateu-a dizendo que produzirá descontentamento em as novas provincias meridionaes; isto deu causa a protestos, e o presidente chamou o orador á ordem.

Publicou-se a resposta de Garibaldi á carta de Napoles.

«Ainda que a meu pesar não posso acompanhar-vos hoje (diz o general) achar-me-heis, com tudo, entre vós quando fôr necessario.»

Um despacho de Turin, de 25, diz vagamente:

«E' inexacto que Garibaldi fosse nomeado chefe dos voluntarios.»

Corria em Pariz que no dia 24 ou na segunda feira immediata o «Moniteur» já publicaria medidas financeiras do novo ministro Fould.

Participam de Washington que o general Scott vem a Pariz.

Constava em Londres, no dia 25 por noticias da Nova-York de 14, que os federaes tinham bombardeado duas fortalezas em Port Royal e Beaufort; que chegavam muitos pretos ao acampamento federal : que tinha sido enviado para Beaufort um recebedor federal, e que este porto seria aberto ao commercio.

Pelas ultimas informações do Mexico recebidas em Liverpool em 25 sabia-se que o general Commonfort á testa de 4:000 homens se achava proximo da capital dispondo-se a entrar nesta cidade.

A camara dos deputados em Turin approvou a contribuição para a guerra por 181 votos contra 10, tendo-se abstido de votar quatro de seus membros. No dia 2 de dezembro terão logar as interpellações relativas a Roma.

Um despacho posterior de Turin em data de 26, declara que o rei Victor Manoel manda a Vera-Cruz uma fragata de guerra; accrescenta que Garibaldi iria a Genova presidir á associação de recursos nacionaes, e depois viria tomar assento no parlamento.

No exercito pontificio augmentavam as dissensões. No dia 24 voltaria para Roma, tendo-se-lhe acabado a licença o general Goyon, e na segunda-feira devia partir para o mesmo destino o marquez de Lavalette, novo embaixador francez junto á santa sé.

O banco de Turin reduziu a taxa do seu desconto a cinco e meio por cento.

Communicam de Pariz que a sessão extraordinaria do senado para tratar das medidas financeiras de mr. Fould será animadissima.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 29 de novembro

ENTRADAS

PORTO, Rasca port. Conceição d'Aveiro, m. F. de Mattos, 8 pes. de trip. lastro.

SAHIDAS EM 2 DE DEZEMBRO

PORTO, Hiate port. Rasoilo 1.º, m. J. Rasoilo, 6 pes. de trip. lastro.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE PORTUGAL E BRAZIL

(Tiragem de 2:500 exemplares.)

Directores, *Antonio de Brederode, Ernesto Biester.*

Publicou-se o n.º 7 do 3.º anno, contendo os seguintes artigos :

I. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães*, por Andrade Ferreira.
II. — *Ermida de Castromino*, romance por A. A. Teixeira de Vasconcellos.
III. — *Episodio da Vida de Alexandre Humboldt*, por J. M. Latino Coelho.
IV. — *O Judeu Errante* (poesia), por Henrique Van-deiters.
V. — *Correspondencia do Brasil*, por F. Xavier de Novaes.
VI. — *Chronica politica.*
VII. — *Chronica litteraria*, por Ernesto Biester.

Acompanha este numero o retracto de Rodrigo da Fonseca Magalhães, gravado pelo sr. Sousa, professor da Academia das Bellas Artes. Publicar-se-hão em seguida os retratos e biographias, de S. M. F. El-Rei D. Luiz I, de S. A. a sr.ª Infanta D. Antonia, de J. A. Seabra, do Padre Malhão, de Camillo Castello Branco, de A. Rodrigues Sampaio, de João de Lemos, de Gonçalves Magalhães (poeta brasileiro), de Odorico Mendes (idem), de Gonçalves Dias (idem), de A. A. Teixeira de Vasconcellos, de Manuel Passos, de José da Silva Carvalho, do Conselheiro Bastos, de Julio Cesar Machado, Visconde de Sá da Bandera, e de Mousinho da Silveira.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Na capital		Nas provincias	
Por anno.....	2$000	Por anno.....	2$500
Por semestre..	1$100	Por semestre..	1$250

Avulso — 300 rs.

Assigna-se nas principaes lojas de livros em Portugal.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte a F. da Costa da Matta, administrador da *Revista Contemporanea*, no escritorio do jornal, Calçada do Sacramento n.º 7 = sobre-loja, Lisboa.

REVISTA AGRONOMICA

Encyclopedia periodica de agricultura nacional e estrangeira.

Publicou-se em brochura de 24 paginas com as gravuras necessarias para a intelligencia do texto. Assigna-se por — 2$000 rs. por anno; 1$000 rs. por semestre; e 500 rs. por trimestre, — no Porto, em casa do sr. Oliveira, & C.ª rua de de Santo Antonio, 49; em Lisboa, nas lojas dos srs. Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro, e Lavado, rua Augusta.

As folhinhas de reza do bispado de Aveiro, acham-se á venda á portaria das Carmelitas, desta cidade, onde se continuarão a vender em quanto não houver aviso em contrario. Preço 150 reis.

RESPONSAVEL — *Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.*

Typographia do Districto de Aveiro.